

Portugal no Folclore do Nordeste

POR

MANUEL DIÉGUES JÚNIOR

De Portugal não é sem alguma emoção que se lhe evoca o nome. Tanta coisa ele nos traz à lembrança, tantas recordações nós lhe devemos, e por isso mesmo brasileiros de quaisquer regiões ou áreas nos sentimos sempre ligados a Portugal, intimamente unidos a ele e recebendo no sangue, no coração, no espírito a sua influência, a influência permanente de sua cultura. Em particular no Nordeste mais se aviva esta influência.

É natural que assim seja. Foram portugueses de boa cepa que nos colonizaram; portugueses vindos de Trás-os-Montes, de Viana, do Minho nos deixaram a marca de seu trabalho e nos transmitiram a herança cultural admirável que ainda hoje persiste, através do tempo, permanente e inalienável. Se algumas outras regiões ou áreas brasileiras tiveram oportunidade de sentir influências que se justapuseram à lusitana, entre nós tal não se verificou.

As tentativas de imigração ou de colonização estrangeiras sempre fracassaram no Nordeste, não porque não tivéssemos, como os nossos criadores, o mesmo espírito plástico, admiravelmente capaz de contactos com quaisquer grupos, mas por motivos que não caberia aqui analisar. Isentos dessas influências que não as legitimamente portuguesas, aliadas às de procedência africana ou indígena, constituindo o lastro cultural de nossa formação, sentimo-nos mais lusitanos, mais apegados ao fundo de nossa caracterização. Somos todos nós, do Nordeste, os Silvas, os Albuquerque, os Lopes, os Santos, os Duarte, os Coelho, um mesmo brasileiro, em que a marca portuguesa se aviva e permanece sobretudo através das manifestações que se transmitem pela memória, pelas tradições, pelas actividades populares.

Este lastro cultural que nos deu o português está bem vivo em nosso folclore. É claro que não é um folclore puro, exclusivamente português. Ao contacto com as heranças africanas e indígenas, tor-

nou-se possível um processo de mestiçamento folclórico, ao influxo do qual se vêm mantendo e transmitindo folguedos, cantos, danças, tradições, lendas, poesias, contos, superstições.

É um produto mestiço este folclore nordestino, em que ressalta todavia a base originalmente lusitana, o lastro que o sustenta e lhe dá continuidade. Em sua maioria, se não em sua totalidade, o folclore do Nordeste se formou ao contacto com os elementos dos três grupos populacionais que contribuíram para a formação demográfica; e que, por extensão, deram as feições características de nossa formação cultural. Se o fundo mais forte, mais impregnado, é o de origem lusitana, não lhe faltou, entretanto, na terra nordestina, um traço africano ou uma marca indígena. Por isso mesmo o mestiço foi o melhor elemento, o veículo mais constante, da transmissão e da continuidade de nosso folclore.

Mulatos, mamelucos, curibocas, pardos, caborés, os variados tipos que enchem nossa paisagem humana, forjaram e transmitiram, com a variação de seu colorido e a diversidade de influências culturais, os temas folclóricos que ainda hoje se mantêm. Deram-lhes eles sua estruturação em bases brasileiras, sem quebra, é claro, dos valores culturais recebidos das fontes primitivas. Praieiros, matutos, sertanejos, pescadores, tiradores de coco, jangadeiros, vaqueiros, tangerinos, roceiros, canoeiros, curtidores, criaram o nosso folclore, à base dos elementos que nos foram legados pelos grupos formadores de nossas populações. Transmitiram-nos estes temas, os motivos já transculturados, reinterpretados, adaptados às condições sociais do novo grupo. Os nossos folguedos populares, as nossas danças, os nossos cantos, os nossos mitos, as nossas lendas, as nossas superstições, se criaram e evoluíram e chegaram até nós sob o influxo dessa influência mestiça.

Vejam-se, por exemplo, os folguedos populares. Os temas, os motivos, Portugal nos sugeriu, mas aqui ao calor de nossos entrechoques sociais e culturais, se readaptaram, tomando nova forma, estruturando-se. O motivo marítimo, de pura inspiração lusitana, se transportou de Portugal para o Brasil, para aqui reestruturar-se em folguedos ou danças dramáticas. Em Portugal a feição marítima — e o mar, tal como assinala JORGE DIAS (1), foi o elemento de unificação e de permanência da nação portuguesa — absorveu a primitiva feição mourisca; e transplantada para o Brasil aqui se reavivou, guardando da guerra com os infiéis apenas tradições, reminiscências, evocações, que vão persistir nas Cheganças, nos Reisados, nos Fandangos. No caso dos Reisados, houve uma transferência de motivo: do mouro para o afri-

cano. Conservou-se, na tradição, porém, a ideia do tempo dos mouros, mas não mais a feição mourisca, nos seus folguedos populares. A marítima é que passou a caracterizá-los.

E foi o motivo marítimo o inspirador, no Nordeste, dos folguedos, autos ou danças dramáticas, que, estruturados ao que tudo indica no século XVIII, constituem, ainda hoje, os temas das festas do ciclo do Natal. Deste modo concervou-se no Brasil a transplantação das sugestões ligadas à aventura marítima, conservada na memória popular portuguesa, e aqui se reavivam. Por isso mesmo os mais expressivos destes autos, de tradição mais duradoura, persistindo entre o povo, são aqueles que se ligam a acontecimentos marítimos: uns recordando as peripécias, as vicissitudes, as glórias da navegação portuguesa dos descobrimentos, como o Fandango, a Chegança; outros, evocando acontecimentos históricos, que envolvendo os negros africanos também se ligam, embora não muito directamente, à expressão marítima ou mais particularmente ao comércio marítimo de Portugal e do Brasil, é o caso do Reisado, do Quilombo, do Maracatu.

É interessante salientar a antiguidade, em Portugal, do género marítimo em motivos dramáticos. O nome de Barcas figura como o de cantiga mencionada por antigos escritores; eram cantos marítimos, provindo seu nome, decerto, de uma espécie de navios chamados Barcas, já usados ao tempo da fundação da Monarquia, e conservados ainda na época da grande expansão navegadora do Infante D. Henrique. É lição que se colhe em CASTILHO (2). No século XV eram as Barcas representadas, pois o foram nas festas de casamento do príncipe D. Afonso, filho de D. João II.

Entretanto, como se admirava GARRETT (3) ao tempo em que escrevia, o romance marítimo já não era comum em Portugal; deveria o motivo marítimo achar-se em maior profusão, o que não sucedia. Guardava-se no continente somente a versão da Nau Catarineta; nos Açores, segundo TEÓFILO BRAGA, porém, se cantavam vários romances marítimos. Ter-se-ia perdido na memória popular, na tradição do povo, a história das grandes aventuras marítimas conservadas no romance? Se tal tivesse acontecido haveria, entretanto, o Brasil salvo do esquecimento o grande tema, preservando, na formação de folguedos populares, aqui criados, o episódio das conquistas náuticas portuguesas.

E é assim que no Nordeste do Brasil conservamos, no ciclo do Natal, já de si autenticamente lusitano, a Chegança ou o Fandango, como danças dramáticas que recordam episódios marítimos da expan-

são lusitana. A Chegança representa a luta entre cristãos e mouros, iniciando-se com uma marcha de entrada em que se cantam versos à Virgem Maria, transmitindo-nos a mesma devoção de Portugal:

*Marchemos com gosto
Com muita alegria
Vamos festejar
A Virgem Maria.*

Cantam-se diversas cenas rememorando episódios da viagem, inclusive a luta entre cristãos e mouros, que termina com a derrota dos infiéis e sua incorporação ao cristianismo. São baptizados e aceitos na santa religião:

*Eu vos baptizo mouros
Na Santa Religião;
Fazendo de vós, brutos,
Fazendo de vós cristãos.*

O Fandango descreve uma viagem, uma nau portuguesa por estes mares do mundo de Deus. Nele aparece o romance da Nau Catarineta. Esta xácara lusitana fundida com outros motivos veio incorporar-se ao nosso folclore na estruturação de um folguedo popular. O Fandango, Nau Catarineta, Baile dos Marujos, ou simplesmente Marujos — nomes diversos de um mesmo auto ou dança dramática — celebra aventuras, temporais, borrascas, combates. E os marinheiros portugueses tudo sofrendo, tudo vencendo. O nosso Fandango não é o mesmo Fandango de Portugal, aí dança de pares, comum no século XVIII (4) nos arredores de Lisboa. No Nordeste tomou feição dramática, descrevendo-se nela factos marítimos da tradição lusitana.

Como acontece com a Chegança, também no Fandango o desenvolvimento do enredo apresenta cenas e evocações de coisas de Portugal. Às vezes referências a Lisboa; outras, recordação das meninas da capital portuguesa. Também o Fandango recorda o «mar do Porto», sendo que no final os marinheiros se despedem tanto de Lisboa como do Porto. O ambiente de Lisboa, por exemplo, assim é lembrado:

*Bairro alto, bairro baixo,
Terra onde me crtei;
Adeus, ó belas meninas
Que de Lisboa eu cheguei.*

*Adeus, terreiro do Paço,
Adeus, praia de Junqueiras
Adeus, brinco das casadas,
Ramallete das solteiras.*

A inspiração lusitana, a glorificação do heroísmo e da bravura de Portugal, a expressão do sentimento religioso, tudo isso nos transmitiu o ancestral português; mas aqui essas e outras expressões tomaram novas características, fundindo-se e estruturando-se em motivos novos, conservando-se embora as marcas autênticas de sua origem. O heróico e o religioso juntam-se, fundem-se, assinalam o episódio glorioso das navegações. E é por isso que o marinheiro repele as seduções do demônio travestido de gajeiro, cantando estes dois versos que representam como que toda uma síntese do espírito português das navegações e descobrimentos:

*A minh'alma é só de Deus
O corpo dou eu ao mar.*

Lendas, tradições, contos que se conservam na memória popular nos foram legados pelo português. O espírito religioso que veio da península, que animou as navegações, que justificou a expansão lusitana através dos continentes — e «se mais mundo houvera lá chegara» — aquele mesmo espírito se trasladou para o Brasil, aqui continuou e conservou algumas das vetustas tradições de Portugal.

Um dos ciclos mais ricos de lendas, de fundo religioso, encontrado no Nordeste, é aquele que se refere à mudança de local de santos. A imagem é achada em determinado lugar, às vezes num pilar, outras no meio das árvores; então é conduzida para a igreja mais próxima. No dia seguinte a imagem está desaparecida; fugiu da igreja. Procura-se por toda a parte e vai ser encontrada no mesmo local onde primitivamente foi achada. E assim, duas, três vezes, até que se constrói no lugar do achamento uma capela para a imagem.

Esta lenda é conhecida na Paraíba; é a mesma existente em Pernambuco ou nas Alagoas. Quase sempre está ligada a uma Nossa Senhora do Pilar, talvez pela circunstância de ser encontrada a imagem num pilar. No Nordeste envolve também a existência de capelas do Senhor Bom Jesus. É o caso de Bom Jesus de Taperaguá, ou de Bom Jesus de Camaragibe, nas Alagoas. É a mesma tradição portuguesa, de que nos fala LEITE DE VASCONCELOS (5).

Não só nesse e em vários outros ciclos de lendas de fundo religioso ficou a influência marcante de Portugal; alongou-se igualmente às comemorações religiosas, cristãs, do Natal e dos santos de Junho, de mistura com festas profanas, tradições que se incorporaram aos festejos. O ciclo joanino das festas de Santo António, São João e São Pedro, traduz reminiscências que nos vieram de Portugal. Sobre-tudo as festas de Santo António, santo português, casamenteiro lá e aqui, a atrair as orações das moças casadoiras. Como Santo António, também São Gonçalo de Amarante.

O ciclo do Natal conserva as velhas tradições, costumes, hábitos de Portugal, inclusive o uso das castanhas nas consoadas. Os presépios e pastoris, que se apresentam no período natalino, nos vieram de Portugal. Os primeiros presépios na terra lusa datam dos fins do século XIV, quando em 1391 as freiras do Salvador ergueram no seu convento uma armação representando o estábulo de Belém, com figuras interpretando a cena do nascimento de Jesus (6). Incrementou-se o uso dos presépios, e para aqui ele veio com os padres jesuítas. FERNÃO CARDIM nos fala do devoto presépio armado em fins do século XVI, quando o irmão Barnabé tocou seu berimbau, com o que muito se divertiram os colonos e os columins (7).

Aos presépios associou-se o Pastoril, folguedo dramático, com várias jornadas que vão descrevendo o episódio do nascimento de Cristo e em que dois cordões de pastoras cantam e dançam: o cordão encarnado e o cordão azul. Há uma figura central, entre os dois grupos, que é a Diana, que, como canta, «não tenho partido». No século XIX os pastoris do Nordeste alcançaram sua fase de apogeu. As disputas entre os dois cordões eram cenas espectaculares, que os cronistas da época descrevem. Chegou a haver protestos populares contra os pastoris, considerados por vezes abuso contra a população e contra a religião. Depois foi arrefecendo o folguedo, mas ainda hoje se conserva em algumas áreas do Nordeste com mais viva intensidade.

E a tradição portuguesa nos ficou não apenas nesse espírito religioso; prolongou-se, alongou-se a outros aspectos de nossa vida popular. Quando passamos em minúsculos povoados, em pequenos agrupamentos de casas, encontramos dependurado numa janela um objecto qualquer: ora um coco da praia, ora uma fruta, ora uma rapadura. Aquilo quer dizer que ali se vende aquele objecto; é o sinal de *venda*, nome geralmente dado ao estabelecimento onde se adquirem produtos. E quem nos negará que foi o nosso bom avô português que introduziu tal costume entre nós?

Realmente registra LEITE DE VASCONCELOS que «um ramo de loureiro à porta indica uma taberna» (8). A taberna lusitana é a nossa venda. O sinal é o mesmo, mudando apenas o objecto conforme se trate deste ou daquele produto ali encontrado.

Parece que de origem puramente portuguesa, conservando-se no Nordeste onde tem sido registrado por vários autores, é o «Pelo sinal de Junot», que GUSTAVO BARROSO (9) divulgou sob o título de «Pelo sinal da Beata». Este autorizado folclorista admite tratar-se de motivo vindo para o Brasil com D. João VI, perdendo-se e isolando-se no meio das populações nordestinas.

Seria supérfluo dizer que a riqueza de nossa poesia popular traduz legítima procedência lusitana. Quadras, romances, toda a nossa poesia popular é como que reprodução fiel da lusitana. Muitas vezes encontro recolhidas em colectâneas folclóricas do Nordeste quadras que ouvira antes cantadas em fado. Lembro-me bem dessa quadra, que quando menino muito ouvi em música de fado, cantada por uma senhora:

*Quem me dera ser a hera
Para crescer e subir
Para chegar à janela
De teu quarto de dormir.*

Ou então:

*Nossa Senhora faz meia,
De fios feitos de luz;
A luz é a lua cheia
As meias são pra Jesus.*

São quadras que se encontram, divulgadíssimas, no folclore nordestino. É uma comprovação de sua permanência, da permanência da poesia popular portuguesa, transmigrada para aqui.

Alheio a influências estranhas, pela ausência de correntes imigratórias não portuguesas, que são escassíssimas na região, o Nordeste conserva a herança cultural recebida, embora dando-lhe características novas, feições que correspondem ao ambiente que as criou. Só modernamente influências não lusitanas vêm alterando esta situação, e isto mesmo na faixa litorânea, mantendo-se o mediterrâneo menos aberto a tais contactos. Tudo isso, porém, não alterou, nem alienou,

a velha base lusitana, o lastro cultural admirável, em que assenta nossa formação.

Pelo Sinal, lendas, tradições, poesias, danças, folgedos populares, aí estão mantendo no Nordeste a magnífica, esplêndida, constante presença de Portugal; povoador, criador de riqueza e dilatador da fé, o português quinhentista que nos deu à luz do mundo, transmitiu-nos a perene marca de sua eterna presença, através da cultura luso-cristã, que conservamos orgulhosos e envaidecidos. Orgulho e vaidade de tal pai, que pôde legar ao filho herança tão bela.

Esta beleza, que é tradição viva da presença portuguesa na cultura e na vida da região, o Nordeste conserva, preserva e defende. Seremos sempre os Albuquerque, os Melos, os Silvas, mantendo no nome o orgulho da procedência. E para mantê-lo, continuamos a servir à vetusta tradição lusitana, que o folclore conserva, guarda e transmite, sem prejuízo de nosso progresso e de transformações sociais modernas. E neste servir e preservar alonga-se o nosso amor a Portugal, amor que tem muito daquele não sei que, que nasce não sei onde, e vem não sei como, de que falava o poeta maior de nossa língua (10).

RÉSUMÉ

La présente étude met en relief l'influence du Portugal sur le folklore du Nord-Est du Brésil; cette influence fut la base de sa formation et aux éléments d'origine portugaise se sont associés les indigènes, c'est-à-dire, ceux des populations natives, et ceux d'origine africaine, apportés par les esclaves nègres d'Afrique. Aujourd'hui les éléments indigènes sont ceux qui exercent la plus faible influence, les africains persistant plus vivement, comme les «Reisados», les «Quilombos» ou les «Maracatus», qui, malgré les marques portugaises de leur structure, sont, dans leurs motifs, typiquement africains.

L'influence portugaise a été remarquable parce qu'il n'y a pas eu, dans la région, des courants immigratoires d'origines différentes pour la troubler. De là, la permanence, jusqu'aujourd'hui, des valeurs culturelles portugaises, comme base de formation du folklore du Nord-Est, agissant comme substrat culturel pour la constitution d'un produit métis — ce qui résultait des relations culturelles entre les trois groupes ethniques, formateurs de la population régionale. Ainsi, le folklore du Nord-Est est le résultat de cet échange culturel où vit, jusqu'à nos jours, la présence portugaise.

Les divertissements populaires du Nord-Est ont des thèmes d'origine portugaise, comme par exemple, les «Cheganças», les «Fandangos», les «Pastoris», les deux premiers évocant des motifs maritimes de l'époque des navigations, et les derniers la naissances de Jésus Christ; dans le nouveau milieu, cependant, ces thèmes se sont adaptés et transculturés, se constituant en divertissements devenus caractéristiques dans la région. Sur ce point, l'étude fait remarquer l'existence de motifs maritimes,

qui, d'ailleurs, se sont perdus en Portugal, comme a signalé Garrett, au XIX^e siècle. Les aspects caractéristiques des «Cheganças» et des «Fandangos», où sont constantes les évocations de Portugal, sont exemplifiés, et leur motif central lié à l'époque dorée des navigations.

L'étude fait aussi référence aux légendes et aux traditions populaires, quelques unes de caractère religieux, qui se trouvent au Nord-Est. Le cycle de Noël est aussi rappelé par des réjouissances qui sont d'origine portugaise sans retouche des adaptations qu'elles ont souffert à la région, sous de nouvelles influences et des transformations sociales mêmes. Dans la poésie populaire on rencontre aussi un fond très riche d'influence portugaise.

En accentuant les caractéristiques marquantes des manifestations folkloriques du Nord-Est du Brésil, l'étude montre la présence vive de la culture portugaise, non pas seulement dans leur formation, mais surtout dans leur existence actuelle. L'homme du Nord-Est, indépendamment du progrès et des transformations sociales modernes, conserve, préserve et défend cette tradition portugaise, que le folklore régional maintient dans ses valeurs fondamentales.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) JORGE DIAS, «Os elementos fundamentais da cultura portuguesa», in *Proceedings of the International Colloquium on Luso-Brazilian Studies*. The Vanderbilt University Press. Nashville, 1953.
- (2) A. F. DE CASTILHO, *Quadros Históricos de Portugal*. Empresa da História de Portugal. Lisboa. 1905, vol. IV, pg. 86.
- (3) ALMEIDA GARRETT, *Romanceiro*. Empresa da História de Portugal. Lisboa, 1904, Vol. II, pg. 53.
- (4) TEÓFILO BRAGA, *O Povo Português*. Lisboa, 1885. Vol. I, pg. 401.
- (5) LEITE DE VASCONCELOS, *Tradições Populares de Portugal*. Porto, 1882, pg. 88.
- (6) PEREIRA DA COSTA, *Folk-Lore Pernambucano*. Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1908, pg. 189.
- (7) FERNÃO CARDIM, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. 2.^a edição. Coleção «Brasíliana», vol. 168. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1939, p. 267.
- (8) LEITE DE VASCONCELOS, *Tradições Populares*, cit., pg. 124.
- (9) GUSTAVO BARROSO, *Ao som da viola*. Rio de Janeiro, 1922, pg. 469.
- (10) CAMÕES, *Obras Completas*. 1.^o volume. Edições Cultura. São Paulo, s/d, pg. 298.